

X DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ev: Mateus 9, 9-13

O Evangelho apresenta um episódio que ilustra concretamente o ensinamento de Oseias. Jesus vê Mateus sentado a cobrar os impostos e diz-lhe: «Segue-me.» Para compreender o impacto deste cenário, é preciso recordar quem eram os cobradores de impostos.

Os publicanos trabalhavam para o Império Romano e eram frequentemente vistos como colaboradores da ocupação estrangeira, exploradores do seu próprio povo e pecadores públicos. Por isso, Mateus era alguém marginalizado tanto social como religiosamente.

O surpreendente é que Jesus não começa por exigir explicações nem por impor condições. Limita-se a chamá-lo. E Mateus responde de imediato: «Levantou-se e seguiu-O.» Este gesto simboliza uma mudança radical de vida. Levantar-se significa abandonar uma existência antiga para iniciar um novo caminho.

O momento a seguir torna-se ainda mais provocadora. Jesus senta-se à mesa com publicanos, pecadores e pessoas consideradas impuras pelos grupos religiosos da época. Os fariseus escandalizam-se: «Porque come o vosso Mestre com os publicanos e os pecadores?» Na cultura judaica, partilhar a mesa era sinal de comunhão e aceitação. Jesus não se limita a falar aos pecadores; aproxima-se deles.

A resposta de Jesus é memorável: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes.» Não está a dizer que algumas pessoas são justas e outras pecadoras. Está a revelar que aqueles que reconhecem a sua necessidade de Deus estão mais abertos à graça.

Então, Jesus cita diretamente Oseias: «Ide aprender o que significa: Quero misericórdia e não sacrifício.» Os fariseus valorizavam a observância exterior da Lei. Jesus recorda-lhes que Deus deseja algo mais profundo: misericórdia. A misericórdia não relativiza o pecado. Ela cria a possibilidade da conversão. Mateus não permanece cobrador de impostos; torna-se discípulo.

Por isso, Jesus conclui: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.» A missão de Cristo dirige-se precisamente àqueles que reconhecem a sua necessidade de salvação. O fio condutor é claro: Deus quer um coração sincero. A fé autêntica confia nas promessas divinas. A misericórdia é o sinal concreto dessa fé. Jesus veio restaurar os pecadores e aproximá-los de Deus.

Padre Hilário Ndumba

AGENDA

Catequese – avisos

Devido ao encerramento da catequese a partir do sábado dia 30 de maio, a missa das 16h30 do Algueirão será suspensa, e só retomará depois das férias de verão.

Encontro com Jesus

No próximo dia 7 de junho (domingo), às 15h00, na Igreja do Algueirão, terá lugar a Adoração do Santíssimo Sacramento, Terço da Divina Misericórdia, seguida de Santa Missa. No final, será dada a bênção da água benta a todos os participantes.

Conferência de Santa Jacinta em Lisboa

Convidamos toda a comunidade a participar na conferência “Santa Jacinta em Lisboa”, apresentada por Carla Barbosa Rocha, que terá lugar no dia 13 de junho, às 17h30, no Salão Paroquial da Igreja do Algueirão.

Venha conhecer melhor a vida e a espiritualidade de Santa Jacinta, numa conferência especial que nos ajudará a aprofundar o seu testemunho de fé e santidade



LEÃO XIV
AUDIÊNCIA GERAL

*Praça de São Pedro
Quarta-feira, 3 de junho de 2026*

Os Documentos do Concílio Vaticano II
III. Constituição Sacrosanctum Concilium
3. O rito, o sinal e o símbolo

Caros irmãos e irmãs!

Prosseguindo as catequeses sobre a Constituição conciliar Sacrosanctum Concilium (SC), queremos deter-nos a refletir sobre alguns elementos constitutivos da sagrada liturgia, tais como o rito, o sinal e o símbolo.

O Concílio Vaticano II, aproveitando o precioso trabalho do Movimento litúrgico, ajudou-nos a redescobrir uma verdade muito viva na consciência da Igreja antiga e no ensinamento dos Padres. Os ritos da liturgia cristã não são um revestimento exterior do mistério sacramental, um conjunto de cerimónias arbitrarias, mas são a mediação eclesial através da qual o dom divino nos alcança. Precisamente por isto, o Concílio convida a compreender o *Mysterium fidei* que se realiza na liturgia através dos ritos e das orações (cf. SC, 48).

O rito dá forma à ação litúrgica e, através dela, à nossa vida, gerando em nós uma sensibilidade espiritual que nos torna capazes de nos deleitarmos com a presença de Deus por meio de Jesus Cristo. Naturalmente, isto acontece se não nos mantivermos estranhos ou espectadores mudos (cf. *ibid.*) em relação à liturgia, mas nela participarmos com todo o nosso ser – corpo, mente e coração –, em obediência ao mandamento do Senhor. Através do rito sagrado, somos assim formados para a escuta da Palavra de Deus, para a ação de graças e a adoração, para a partilha fraterna e a comunhão eclesial. Descobrimos que somos uma assembleia com muitos rostos, reunida pela mesma fé.

O rito envolve-nos numa sequência bem definida de gestos e orações, que por vezes pode contrastar com a nossa tendência individual para a espontaneidade. A sua lógica, porém, não é a de aprisionar a liberdade em esquemas. Pelo contrário, com a sobriedade solene dos seus ritmos, o rito interrompe as atividades frenéticas, reconduzindo-nos ao essencial. Descobrimos assim outra dimensão do agir, não guiada por cálculos produtivos, e outra experiência do tempo e do espaço. No rito experimentamos uma lógica de gratuidade, encontramos uma pausa que regenera o coração, reconhecemos que somos precedidos pela graça divina, aprendemos a viver num ritmo habitado pelo Espírito Santo.

A gramática do rito está imbuída dos sinais e dos símbolos próprios da liturgia. Nela, como afirma o Concílio, «os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens» (SC, 7).

Catecismo da Igreja Católica aprofunda o valor destes sinais, recordando que «a sua significação radica na obra da criação e na cultura humana, determina-se nos acontecimentos da Antiga Aliança e revela-se plenamente na pessoa e na obra de Cristo» (n. 1145). Emblemático é o sinal da água: das origens da criação ao dilúvio, da travessia do Mar Vermelho ao Jordão, até à água que jorra do lado de Cristo e se torna sinal sacramental da imersão na sua morte e ressurreição.

“Sinal” e “símbolo” são termos frequentemente utilizados como sinónimos. Na realidade, um sinal é simbólico quando é capaz de remeter não só para uma ideia, mas para todo um sistema de significados e de valores. Assim, por exemplo, quando somos aspergidos com a água benta, reaviva-se em nós a consciência do dom recebido com o Batismo e a nossa adesão à vida nova em Cristo. Em segundo lugar, os símbolos têm essencialmente um carácter prático, sendo em primeiro lugar ações: mais simples e comuns, como ajoelhar-se e trocar o sinal da paz, ou mais exigentes, como os atos constitutivos de cada Sacramento. Acima de tudo, os símbolos têm uma singular dimensão performativa e transformadora, tanto em relação aos elementos materiais que os compõem, como em relação àqueles que entram em contacto com eles, gerando pertença, tocando o coração e a mente, suscitando relações eclesiais autênticas.

Na Carta Apostólica *Desiderio desideravi*, o Papa Francisco, fazendo sua uma afirmação de Romano Guardini, identificava «a primeira tarefa do trabalho da formação litúrgica: o homem deve voltar a ser de novo capaz de símbolos» (n. 44). Precisamos de nos deixar educar pelos ritos da liturgia, cuidando com delicadeza e sem arbitrariedade da beleza das nossas celebrações e empenhando-nos numa autêntica mistagogia. A experiência de uma liturgia viva e devota, acompanhada por uma catequese mistagógica oportuna, é o melhor recurso para despertar em todos aquela abertura ao encontro com Deus que, na lógica da encarnação, só pode acontecer envolvendo todo o homem: espírito, alma e corpo (cf. 1 Ts 5, 23).